

Revista Expressão Católica

UMA REDEFINIÇÃO DE PROGRESSO E A RECONCILIAÇÃO DO HOMEM E NATUREZA NAS IMAGENS ÓRFICO-NARCISISTAS EM MARCUSE

John Karley de Sousa Aquino
Alberto Dias Gadanha

Resumo

Na civilização ocidental a razão é definida como instrumento de coação, de repressão dos instintos, a sensualidade e o domínio dos instintos são considerados nocivos e hostis à razão e ao princípio de realidade. Na filosofia ocidental tudo ligado à sensualidade, prazer, impulsos, tem que ser reprimido. Desde Platão, a repressão ao princípio de prazer provou seu irresistível poder. A produtividade é um dos valores mais protegidos da civilização ocidental, e devido a ela o homem é avaliado de acordo com a sua capacidade de produção e de melhorar as coisas socialmente úteis, assim a produtividade significa o grau de transformação de um meio natural descontrolado por um meio tecnológico controlado, a produtividade como motora do progresso. Prometeu representa o herói cultural do progresso, da lógica de dominação e da produtividade com labuta, a separação entre o homem e a natureza tanto interna quanto externa e sua posterior dominação. O artigo apresentará um esboço de uma civilização não-repressiva baseada na atividade lúdica, na arte e na libertação das possibilidades humanas. A superação entre sujeito e objeto e a reconciliação entre a razão e natureza e a tentativa de ir além do princípio de realidade estabelecido.

Palavras-chave: Progresso. Prometeu. Orfeu. Narciso. Natureza.

RIASSUNTO

Nella civilizzazione occidentale la ragione viene definita come strumento del cuore, della repressione dei istinti, la sensualità e lo dominio dei istinti sono considerati nocivo e ostile la ragione e allo principio della realtà. Nella filosofia occidentale tutto che è legato alla sensualità, piacere, impulsi, devi essere represso. Da Platone la repressione allo principio del piacere prova suo irresistibile potere. La produttività è uno dei valori più protetto della civilizzazione occidentale, proprio per questo l'uomo è valutato di accordo com la sua capacità di produzione e di migliorare le cose sociale utile, così la produttività significa lo grado di trasformazione di um mezzo naturale discontrollato per un mezzo tecnologico controllato, la produttività come motore del progresso. Prometeu rappresenta il eroe culturale del progresso, della logica della dominazione e della produttività comoe lavoro, la separazione tra uomo e natura tanto interna quanto esteriore e la sua posteriore dominazione. L'articolo presenterà uno sbizzo di uma civilizzazione no-repressiva basata nell'attività piacevole, nell'arte e nella liberazione dei possibilità umani. La superazione fra soggetto e oggetto e la conciliazione fra ragione e natura e la tentativa oltre del principio della realtà stabilita.

Parole-chiave: Progresso. Prometeu. Orfeo. Narciso. Natura.

1 INTRODUÇÃO

A produtividade é um dos valores mais protegidos da civilização ocidental. Foi graças à produção do excedente que as hordas primitivas puderam se sedentarizar e desenvolver produções culturais e satisfazer às necessidades materiais além do mínimo necessário, permitindo uma vida qualitativamente superior a mera vida como sobrevivência,

O surgimento do excedente econômico, que assinala o aumento da produtividade do trabalho, opera uma verdadeira revolução na vida das comunidades primitivas: com ele, não só a penúria que as caracterizava começa a ser reduzida, mas, sobretudo, aparece na história a possibilidade de acumular os produtos do trabalho. (NETO, J. P., 2011, p. 67).

Mas a ampliação da produtividade exigia que se adiasse a satisfação, isto é produção e prazer não poderiam coincidir sendo o prazer uma recompensa a *posteriori* ao trabalho duro. A satisfação tornou-se objetivo primário em uma promessa que supostamente se cumpriria com o aumento da produtividade, mas o que se deu foi justamente a traição dessa promessa de prazer, pois a partir da produção do excedente pôde-se desenvolver uma desigualdade entre os membros: aqueles que produzem a riqueza e os que se apropriam da riqueza, em suma, entre os que trabalham e os que não trabalham. Com a produção do excedente se libera alguns homens do trabalho e o permitem viver sem trabalho e explorar o trabalho dos outros. Essa produção do excedente e a exigência do máximo de produtividade são o germe do ideal de progresso que se desenvolverá como princípio histórico na filosofia da história no iluminismo do século XVIII, e é contra esse pressuposto que identifica labuta e resignação como progresso que a teoria crítica de Marcuse se alvora.

O **objetivo geral** deste artigo é demonstrar a partir das teses de Marcuse em sua obra *Eros e Civilização*, a possibilidade de uma civilização não-repressiva além da cultura predominante representada no herói cultural Prometeu. Contraposto a essa ideologia oficial do progresso como atividade e dominação, serão apresentadas as imagens órfico-narcisista que representam um princípio de realidade lúdico, contemplativo e livre que desbanca as imagens de produtividade através do esforço e labuta representada por Prometeu. A fantasia como veículo de libertação que não permite esquecer as promessas traídas pela civilização ocidental reclama do

progresso seu princípio real: libertar os homens da necessidade e permitir enfim a liberdade. Como **objetivos específicos** o presente artigo irá expor: (1) o que é a Fantasia e suas possibilidades, assim como seu valor de verdade, (2) as imagens culturais de Orfeu e Narciso como contrapostas a atividade prometeica e (1) a necessidade de uma redefinição de progresso que permita a reconciliação homem e natureza.

O presente artigo tem como **justificativa** de que se faz necessário refletir sobre a relação desarmoniosa entre homem e natureza inaugurada com o *logos* ocidental que encara a natureza como objeto a ser compreendido e dominado, podendo-se evitar uma catástrofe ambiental devido às exigências irracionais de produtividade além das necessidades reais da comunidade humana.

O artigo tem como referência principal a obra *Eros e Civilização: Uma introdução filosófica ao pensamento de Freud* de Marcuse, assim como obras complementares de Freud *O mal-estar na civilização* e *para além do princípio de Prazer*, referências ao Surrealismo (*manifesto surrealista de 1924*) e a mitologia grega com base nas obras *Mitologia Grega e Romana* e *Mitos Gregos*.

O artigo concluirá que é possível e uma exigência histórica que a relação homem e natureza seja repensada tendo em vista as dificuldades ecológicas atuais, assim como a necessidade de pacificação da existência humana além das exigências heterônomas da produtividade e do progresso como fim em si mesmo.

2 FANTASIA

Na teoria psicanalítica de Freud a história da civilização é a história da repressão dos instintos, é a história da subjugação, dominação e repressão do ego em cima do id, para Freud a civilização começa justamente quando o objetivo primário, a satisfação integral de todas as necessidades é abandonada.

Sabemos que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento do aparelho mental, mas que do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo ele é desde o início, ineficaz e até mesmo perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. (FREUD, 1976, p. 20)

Os impulsos animais e sensuais convertem-se em instintos humanos sob a influência da realidade externa, o homem abandona a gratificação como tal e como um fim em si mesmo e a qualquer momento. Ele troca a satisfação imediata e o prazer pela satisfação adiada e a restrição do prazer. O homem torna-se um sujeito consciente sob o princípio de realidade ao desenvolver a função da razão, e com isso o aparelho mental fica subordinado ao princípio de realidade, ao ego. Mas

Este último princípio (i.e. realidade) não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer, não obstante exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer. (FREUD, 1976, p. 20)

Mas uma atividade mental mantém-se livre do domínio do princípio de realidade, é protegido das alterações culturais e mantém-se unido ao princípio de prazer, é a fantasia. Segundo Marcuse, as forças mentais opostas ao princípio de realidade estão renegadas ao inconsciente e operando a partir do mesmo “o domínio do princípio de prazer não modificado prevalece nos mais profundos e mais arcaicos processos inconscientes” (MARCUSE, 1978, p. 132). Marcuse destaca a fantasia como uma atividade mental com um elevado grau de liberdade frente ao princípio de realidade, pois com o predomínio do princípio de realidade um modo da atividade mental permaneceu relacionado ao princípio de prazer e livre do critério da realidade. E é a fantasia que desempenha uma decisiva função na estrutura, pois liga as profundezas do inconsciente a elevados produtos da consciência (as artes), une o sonho com a realidade, e representa as reprimidas idéias coletivas e individuais e os tabus da liberdade. Com a divisão da atividade mental, antes somente princípio de prazer, a atividade mental fica dividida e uma predomina sobre a outra, ou seja, o ego sobre o id. O ego adquire o monopólio mental, e mantém o id livre do controle da realidade. Com o predomínio da razão, essa se torna desagradável, mas útil e correta, a fantasia, é agradável, mas inútil e inverídica, um “mero jogo e divagação” (MARCUSE, 1978, p. 133).

No entanto a fantasia por ser vinculado ao princípio de prazer, mantém a memória do passado sub-histórico, sob o domínio do princípio de prazer e a livre gratificação. A fantasia retém as memórias de uma época em que a vida do indivíduo era a vida do gênero, em que havia a unidade entre o particular e o todo, e ela visa “a reconciliação do indivíduo com o todo, do desejo com a realização, da felicidade

com a razão” (MARCUSE, 1978, p. 133). A fantasia sustenta a reivindicação do indivíduo total, em uma união com o gênero, e com o passado arcaico³. E como um processo mental independente e fundamental (e que se manifesta), a fantasia tem um valor próprio, a de superar a antagônica realidade humana, do id e ego, prazer e realidade, assim como sujeito e objeto, e o particular e universal.

3 O VALOR DE VERDADE DA FANTASIA

As verdades da fantasia se manifestam, pela primeira vez quando cria um universo de percepção e compreensão, um universo que é subjetivo, e ao mesmo tempo é objetivo. Isso ocorre na arte. O valor de verdade da fantasia é, pois, ser uma manifestação subjetiva que se universaliza, a arte então se situa no protesto contra a harmonia reprimida do sensualismo e da razão. A fantasia é a memória inconsciente da libertação que fracassou, da promessa que foi traída. No princípio de realidade a arte se opõe a repressão oficial com a imagem do sujeito livre em um estado de não-liberdade, a arte é um eterno protesto de libertação. Como diz Marcuse, “desde o despertar da consciência da liberdade, não existe uma só obra de arte autêntica que não revele o conteúdo arquetípico: a negação da não-liberdade” (MARCUSE, 1978, p. 135). A arte está totalmente vinculada ao prazer, mas dentro da realidade em si mesmo é agradável e “sujeita, necessariamente a realidade representada a padrões estéticos, e assim, priva-o do seu terror” (MARCUSE, 1978, p. 135). Marcuse cita Aristóteles ao repetir o que disse o clássico grego sobre a arte, o clássico afirma o efeito catártico (purificação, purgação) da arte, ela ao mesmo instante opõe e reconcilia, acusa e absolve, recorda o reprimido e reprime de novo. A arte é oposição assim como é universalidade (e particularidade), pois um artista que usa a fantasia cria arquétipos artísticos que as pessoas lêem, vêem e ouvem e junto a eles se reconhecem. A arte é como a sexualidade “é a única função do indivíduo que se estende para além do indivíduo e garante a conexão com a espécie” (MARCUSE, 1978, p. 136).

O valor de verdade da fantasia relaciona-se não só com o passado, mas com o futuro, as formas de liberdade e felicidade que ela clama visa emancipar a realidade histórica estabelecida. A função crítica da fantasia está em sua recusa em esquecer o que pode ser, negado pelo princípio de realidade. E como diz o manifesto surrealista de 1924

Reduzir a imaginação à servidão fosse mesmo o caso de ganhar o que vulgarmente se chama a felicidade, é rejeitar o que haja, no fundo de si, de suprema justiça. Só a imaginação me dá contas do que pode ser, e é bastante para suspender por um instante a interdição terrível; é bastante também para que eu me entregue a ela, sem receio de me enganar (como se fosse possível enganar-se mais ainda). Onde começa ela a ficar nociva, e onde se detém a confiança do espírito? Para o espírito, a possibilidade de errar não é, antes, a contingência do bem? (ANDRÉ BRETON, 2003, p. 04)

Os surrealistas entenderam as implicações audaciosas e revolucionárias das descobertas de Freud sobre a fantasia (imaginação), pois afirmaram “Talvez esteja a imaginação a ponto de retomar seus direitos. Se as profundezas de nosso espírito escondem estranhas forças capazes de aumentar as da superfície, ou contra elas lutar vitoriosamente” (ANDRÉ BRETON, 2003, p. 08).

A recusa em aceitar a vida angustiada e frustrada é o que os surrealistas reconheceram de valioso na fantasia e na arte. Mas a idéia de real libertação e vida sem angústia foi difamada como utopia quase que universalmente na filosofia e na política e apenas se expressou sem punição e recriminação na linguagem da arte.

Mas o medo do retrocesso a barbárie, representado pela libertação instintiva que a fantasia representa, leva a taxar uma libertação e não-repressão como utopia (no sentido pejorativo), e apenas a produtividade é louvada como verdadeiro progresso e civilização, mas a arte novamente responde esta idéia com Baudelaire que afirma “a verdadeira civilização... não está no gás, vapor ou nas plataformas giratórias. Está na diminuição dos vestígios do pecado original” (BAUDELAIRE apud MARCUSE, 1978, p. 142).

4 ORFEU, NARCISO E PROMETEU

Na civilização ocidental a razão foi geralmente encarada como instrumento de coação, de repressão dos instintos, a sensualidade e o domínio dos instintos foram considerados nocivos e hostis à razão e ao princípio de realidade. Na grande parte da tradição ocidental geralmente o que fosse relacionado à sensualidade, prazer, impulsos, deveriam ser reprimidos. Segundo Marcuse:

A tentativa de elaboração de uma síntese teórica da cultura para além do princípio de desempenho, é ‘irrazoável’, numa estrita acepção do termo. A razão é a racionalidade do princípio de desempenho. Mesmo no princípio da civilização ocidental, muito antes desse princípio ter sido institucionalizado, a razão era definida como um instrumento de coação, de supressão dos

instintos, a sensualidade era considerada eternamente hostil e nociva a razão. (MARCUSE, 1978, p. 146)

Desde Platão a repressão ao princípio de prazer provou seu irresistível poder. “De Platão até as leis ‘Schnd und Schmutz’ do mundo moderno, a difamação do princípio de prazer provou seu irresistível poder; a oposição a essa difamação sucumbe facilmente ao ridículo” (MARCUSE, 1978, p. 146).

Mas a repressão aos instintos e o domínio da razão repressiva jamais foi uma realização definitiva, mas uma exigência aparentemente racional, e por isso monopólio da razão repressiva nunca deixou de ser contestado. Segundo Marcuse, a psicanálise constatou que a fantasia retinha uma verdade incompatível com a razão. A fantasia mantém suas verdades vivas no folclore e nas lendas, na literatura e na arte. Em sua posição Marcuse mantém uma “insistência em que a imaginação deve fornecer padrões para as atitudes, a prática e as possibilidades históricas existenciais” (MARCUSE, 1978, p. 147). Marcuse interpreta os símbolos e arquétipos da fantasia e examina seu valor de verdade histórica. Eles são os heróis culturais que persistem na imaginação como “símbolos da atitude e dos feitos que determinam o destino da humanidade” (MARCUSE, 1978, p. 147).

O herói cultural predominante é Prometeu, o herói da civilização ocidental, o sofredor contra os deuses, que “cria a cultura a custa do sofrimento perpétuo” (MARCUSE, 1978, p. 147), e a mulher na imagem de Pandora simboliza o mal, o atraso e a queda “a beleza da mulher e a felicidade que ela promete são fatais no mundo do trabalho civilizado” (MARCUSE, 1978, p. 148). Prometeu representa a produtividade, o trabalho sofrido e o progresso que estão intimamente ligados. Prometeu é o herói cultural do esforço laborioso, da produtividade e do progresso através do sofrimento. Para Marcuse, devem ser procurados os símbolos de outros princípios de realidade no campo oposto, os heróis culturais opostos de Prometeu e não mantidos na ‘tradição’ ocidental oficial são Orfeu e Nérsciso, que ao contrário de Prometeu não são produção e progresso, mas repouso e descanso, “a voz que não comanda, mas canta, o gesto que oferece e recebe, o ato que é paz e termina com as labutas de conquista, a libertação do tempo que une o homem com Deus, o homem com a natureza” (MARCUSE, 1978, p. 148).

Segundo Marcuse, Orfeu e Nérsciso são imagens irrealizáveis, belas, porém impossíveis segundo o princípio de realidade. Prometeu e sua atividade e resistência também são irrealis, porém úteis, pois “seu objetivo e significado não são

estranhos à realidade; pelo contrário são-lhe úteis. Promovem e fortalecem essa realidade, não a destroem” (MARCUSE, 1978, p. 151). As imagens órfico-narcisistas são a negação do princípio de realidade. O Eros órfico e narcisista despertam e libertam as potencialidades e possibilidades suprimidas no princípio de realidade não-erótico. As imagens de Orfeu e Narciso negam o princípio de desempenho, ele recusa a oposição entre sujeito e objeto, entre o homem e natureza, pois “árvores e animais respondem a linguagem e Orfeu, e a primavera e a floresta respondem ao desejo de Narciso” (MARCUSE, 1978, p. 151).

Para Marcuse, Orfeu e Narciso simbolizam uma realidade muito diferente, eles são a imagem da alegria e da fruição. Narciso representa uma dimensão ilimitada e unicidade com o universo, o sentimento oceânico que Marcuse denomina de narcisismo ilimitado. Segundo Marcuse, o narcisismo primário é mais do que um auto-erotismo e egoísmo, ele é um modo de realidade, em que o indivíduo abrange o meio, o que integra o ego e o mundo objetivo. Segundo Freud, “No início o Eu abarca tudo, depois separa de si o mundo externo. Nosso atual sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente – sim, todo-abrangente – que correspondia a uma mais íntima ligação do Eu com o mundo em torno” (FREUD, 2010, p. 13). O Narciso apresentado como um antagonista do Eros, um homem que despreza o amor dos outros e vive isolado da realidade é falsa, na verdade Narciso representa a contemplação do belo, um admirador da arte e da beleza, pois a imagem que contempla no rio ele não sabe que é a dele, pois o mesmo não podia se conhecer “Narciso viverá até longa idade, desde que nunca se conheça a si próprio” (ROBERT GRAVES, 1990, p. 28), Narciso não sabia que era a si a quem contemplava, era apenas a beleza que ele admirava, “tentava enlaçar e beijar o formoso rapaz que se encontrava a sua frente” (ROBERT GRAVES, 1990, p. 29). O sono, o repouso e a flor que vive após a morte de Narciso, representam o princípio de nirvana que impera em vida (sem necessidade de morte) em Narciso.

Orfeu encarna a arte, liberdade e cultura que estão eternamente combinadas, é o poeta que traz a redenção e a paz mediante a pacificação do homem e natureza, não através da força (dominação), mas pelo verbo,

As feras vinham depor sua ferocidade a seus pés, os passarinhos vinham pousar nas árvores a sua volta, os rios suspendiam seus fluxos e as árvores formavam coros de dança, alegorias ou exageros poéticos que

exprimem ou a perfeição de seus talentos, ou arte maravilhosa que soube empregar para atenuar os costumes ferozes dos trácios e fazê-los passar da vida selvagem as doçuras da vida civilizada. (P. COMMELIN, 2008, p. 284)

Orfeu e Narciso rejeitam o Eros normal por um Eros mais pleno, recusam a separação sujeito e objeto, recusam o mundo como é. Os dois protestam contra a ordem repressiva da sexualidade. Eles negam Prometeu. O Eros órfico e narcisista transforma o ser, domina a crueldade, “seus acordes eram tão melodiosos, que encantavam até os seres insensíveis” (P. COMMELIN, 2008, p. 284). A sua linguagem é a canção, e a sua existência a contemplação e criação, não a repressão e a produção. Representam um novo princípio de realidade, para além do princípio de desempenho.

5 REDEFINIÇÃO DE PROGRESSO

A possibilidade de uma realidade além do princípio de desempenho se depara com um dos principais valores do ocidente, o da produtividade, o motor do progresso. “A discussão dessa hipótese depara logo de entrada com um dos mais rigorosamente protegidos valores da cultura moderna: o de *produtividade*” (MARCUSE, 1978, p. 143). No princípio de realidade estabelecido o homem é avaliado de acordo com seu desempenho e sua capacidade de melhorar as coisas úteis ao estabelecido, ou seja, o socialmente útil. O indivíduo deve ser produtivo, ele deve (o imperativo categórico ocidental) produzir. A produção e o progresso representam o grau de controle e transformação da natureza, o progressivo controle e transformação de um meio natural e incontrolado por um meio tecnológico e civilizado controlado (MARCUSE, 1978, p. 143). Entretanto, a produtividade e o progresso não foram pensados para dominar e para que os homens servissem a ele (pois hoje os homens servem ao progresso e nada pode impedir a marcha do progresso).

O progresso, como pensado pelos iluministas, deveria servir ao homem e a satisfação de suas necessidades e carências, assim o progresso estaria a serviço do princípio de prazer e não seria o que é hoje, como um fim em si mesmo. Desta forma, “Por outras palavras, quanto mais a necessidade social se desviava da necessidade individual, tanto mais a produtividade se inclinava a contradizer o

princípio de prazer e a converte-se num fim em si mesma.” (MARCUSE, 1978, p. 143).

O progresso exigiu o sacrifício da felicidade e todo o sacrifício em nome do desenvolvimento, gerando um fanatismo utilitarista em nome do ideal do progresso que levou a própria palavra (progresso) a ter um valor repressivo, pois significa o fim do repouso e da receptividade em nome da atividade e produtividade prometêica. Assim, “A própria palavra acabou por ter um sabor à repressão ou à sua glorificação fanática: reflete a noção de uma rancorosa difamação do repouso, da indulgência, da receptividade” (MARCUSE, 1978, p. 143). A atividade de Prometeu e a repressão se tornaram sinônimos, o “aumento da produtividade da mão de obra é o sacrossanto ideal do capitalista e do stakhanovismo stalinista” (MARCUSE, 1978, p. 143). Mas o limite histórico do progresso repressivo é o próprio princípio de desempenho, para além do domínio do princípio de desempenho o progresso e produtividade tem outra relação possível com o prazer e satisfação.

Se o progresso for emancipado da escravidão do estabelecido “a produtividade perde o seu poder repressivo e impulsiona o livre desenvolvimento das necessidades individuais” (MARCUSE, 1978, p. 144). A produtividade garante a automação total do trabalho e isso garante tempo livre e energia para o livre jogo (atividade lúdica) das faculdades humanas, exterior ao domínio do trabalho que garante a produção não por si mesma, mas como meio de satisfação das necessidades e carências individuais.

Por mais justa e racional que possa estar organizada a produção material, jamais pode constituir um domínio da liberdade e da gratificação; mas pode liberar tempo e energia para o livre jogo das faculdades humanas, *fora* dos domínios do trabalho alienado (...) É a esfera exterior ao trabalho que define a liberdade e a satisfação completa, e é a definição da existência humana de acordo com essa esfera que constitui a negação do princípio de desempenho. (MARCUSE, 1978, p. 144)

A produtividade como um meio e não como um fim, garantiria um real progresso que não é cancelado por Marcuse, mas redefinido, o progresso como está é neutro, e essa neutralidade é um de seus maiores problemas, pois ao ser neutro contribui para o estabelecido. Além disto, por está inserido em um universo estabelecido da ação e do discurso, e o progresso científico e tecnológico torna-se um instrumento de dominação tanto do homem quanto da natureza, vista como um objeto a ser dominado pelo ego agressivo. Para Marcuse, se o progresso chegar ao

seu limite histórico na sociedade industrial, irá levar a uma subversão radical da visão de progresso dominante, “uma nova experiência básica de ser transformaria integralmente a existência humana” (MARCUSE, 1978, p. 145). O progresso pode levar a automação total dos serviços que garantem a satisfação das necessidades e o tempo do trabalho necessário seria reduzido a um tempo básico, e o progresso serviria a pacificação da natureza e da sociedade na livre atividade-receptiva humana, em uma sociedade em que o progresso não seria mais um instrumento de dominação e exploração da natureza (tanto humana quanto a exterior) como é na realidade estabelecida da necessidade manipulada. Esta redefinição de progresso trocaria a relação “progresso como fim em si mesmo” e “vida como meio”, para “progresso como meio” para uma “vida como fim em si mesmo”, em que a produtividade não seria a atitude de um ego que encara o mundo tal qual um “símbolo para ponto de agressão, a cão como dominação e a realidade, como resistência” (MARCUSE, 1978, p. 107), mas um ego órfico-narcisista que pacifica homem e natureza e que sua atividade não é agressão e produção, mas receptividade e criação.

6 RECONCILIAÇÃO HOMEM E NATUREZA NAS IMAGENS ORFICO-NARCISISTA

Numa civilização verdadeiramente humana, o homem jogará e se divertirá ao invés de labutar com esforço, ele se exhibirá ao invés de permanecer preso à carência e à necessidade. A realidade deve perder a seriedade, a realidade da carência e necessidade, e a vida assim poderá ser satisfeita sem trabalho alienado. O homem será livre quando puder jogar com suas próprias faculdades e potencialidades. O seu mundo passa a ser contemplação e exibição, e sua ordem é a beleza. A sociedade deve atingir um elevado grau de maturidade intelectual e material para substituir a necessidade pela abundância. A sociedade deve liberar-se de propósitos, toda atividade de ter um fim em si mesmo, deve ser um jogo, uma atividade lúdica. E a fantasia é a faculdade que exerce a possibilidade dessa liberdade. No princípio de realidade, em que a imaginação e a atividade lúdica ganham ascendência, reconciliando os impulsos e liberando a razão sensível e uma lógica de gratificação, o mundo objetivo (a natureza) será experimentado como primordialmente no narcisismo ilimitado, não com a natureza dominando o homem

(como em sociedades primitivas) e nem com o homem dominando a natureza (como na civilização estabelecida), mas o mundo objetivo será “objeto” de contemplação. O homem se livraria do trabalho sofrido e não cairia em uma passividade primitiva, mas poderia viver a livre manifestação de suas potencialidades.

Um novo princípio de realidade que harmoniza razão e sensualidade e libera a imaginação transformaria o esforço laborioso (trabalho) em jogo (atividade lúdica), as imagens órfico-narcisista simbolizam esta racionalidade lúdica, uma ordem não-repressiva, em que o mundo subjetivo e objetivo, o homem e natureza se harmonizam. A realidade estabelecida da labuta e trabalho alienado, não é o da liberdade, visto que a existência humana é determinada por objetivos e funções que ele não determina e desconhece, e não permite o livre jogo das faculdades e desejos humanos.

O Eros órfico-narcisista é um libertador de potencialidades, e são uma possibilidade para a reconciliação homem e natureza, pois assim como “árvores e animais respondem ao desejo de Orfeu, a primavera e a floresta respondem ao desejo de Narciso” (MARCUSE, 1978, p. 151). As imagens órfico-narcisista negam a oposição homem e natureza, assim como a relação antagônica sujeito e objeto é superada. A natureza é experimentada como gratificação por Orfeu e Narciso, ela não é opressão, crueldade, dor e irracionalidade como o ego a encara sob o princípio de realidade, ela é assim como o mundo humano um “mundo” que também aguarda sua libertação, e essa libertação é obra do Eros órfico-narcisista, pois “a canção de Orfeu desfaz a petrificação, movimenta as florestas e as pedras, mas movimenta-as para que comunguem em alegria” (MARCUSE, 1978, p. 152). Orfeu e Narciso são a negação de Prometeu e a possibilidade de um novo princípio de realidade em que a natureza é contemplação e não dominação e vida, é um jogo, um fim em si mesmo agradável, o jogo nesse princípio de realidade é improdutivo e inútil, pois ele nada produz, e é um fim em si mesmo, se joga, simplesmente. A razão deve ser liberada, assim como a sensualidade. Para finalizar, Margaret Mead interpretou a cultura Arapexe de modo que representa bem um possível princípio de realidade baseado nas imagens de Orfeu e Narciso e na Fantasia:

Para os arapexes o mundo é um jardim que deve ser cultivado, não para nós próprios, não para o orgulho ou vanglória, não por mesquinhez e usura, mas pra que os animais e sobretudo as crianças possam desenvolver-se livremente. Dessa atividade geral premanam muitas de outras

características arapexes, a ausência de qualquer expectativa de ciúmes ou inveja, a ênfase na cooperação. (MARCUSE, 1978, p. 188)

7 CONCLUSÃO

Marcuse, como leitor de Schiller, apoia-se em sua autoridade, quando reflete sobre uma vida lúdica e em sua crítica a uma realidade onde está cindida sensibilidade e razão. Schiller diz que a “fruição está separada do trabalho, os meios do fim, o esforço da recompensa (...) o homem configurou-se apenas como um fragmento, escutando sempre e apenas o monótono rodopiar da roda que ele fez girar” (SCHILLER, 2002, p. 37). A sociedade está ferida e somente um novo modo de civilização poderá curá-la. Segundo Marcuse, esta ferida foi causada pela relação antagônica entre as dimensões polares da existência humana, a sensualidade e a razão, matéria e espírito, o particular e o universal. Aponta ainda, como solução a este conflito a noção de impulso lúdico. O que se procura é a solução de além de um problema político, uma solução de um problema existencial que é a libertação do homem. O impulso lúdico representado nas imagens órfico-narcisistas é um possível veículo de libertação. O homem só é livre quando está livre de coações externas e internas, tanto físicas quanto morais, quando não é reprimido, tanto pela lei quanto pela necessidade. Mas a repressão é a própria realidade estabelecida, e a teoria crítica de Marcuse se resume a uma acusação assim como a uma exigência.

Enfrentamos uma crise ambiental em que o futuro é pensado com preocupação, esgotamos os recursos naturais e condenamos uma quantidade imensa de homens a uma vida sub-humana devido à organização irracional da civilização, em que os homens servem as leis das coisas e se adequam a uma entidade pretensamente autônoma que é o *mercado*. Há muito, o progresso laborioso garantiu a satisfação universal de todas as necessidades humanas e hoje a tese da carência é apenas uma desculpa ideológica para garantir a manutenção de uma carência organizada hierarquicamente, em que uns trabalham e outros ficam livres para a fruição. É a organização egoísta do todo, devido à ganância e egoísmo próprios do princípio de desempenho que não permite uma vida reconciliada e plenamente humana. O homem suporta essa realidade mutilada, mas e o planeta? Até quando suportará a atividade prometeica dos homens em sua fúria destruidora em nome do progresso e da produtividade sem limites? Essa questão permanece em aberto, mas a exigência de uma vida pacificada entre sujeito e objeto, é uma

necessidade histórica, pois como em tudo que existe a natureza possui seus limites e o homem não precisa viver uma catástrofe para descobrir que é necessário mudar seu *modus operandi* de vida.

REFERÊNCIAS

BRETON, André. **Manifesto do Surrealismo (1924)**. Tradução Virtualbooks. Minas Gerais, 2003.

COMMELIN, P. **Mitologia Grega e Romana**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de Prazer**. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

FREUD, Sigmund. **Mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GRAVES, Robert. **Os Mitos Gregos**. 2º volume. Tradução de Fernando Branco. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. 8ª edição. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

NETO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução Crítica**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

SCHILLER, Friedrich. **A Educação Estética do Homem: Numa série de Cartas**. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

SOBRE OS AUTORES

John Karley de Sousa Aquino

Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Bolsista pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.

Alberto Dias Gadanha

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professor Dedicação exclusiva na Universidade Estadual do Ceará – UECE.